



REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

NO BARRACO DE CAROLINA¹ (conclusão)

Lindanor Celina

Vamos acabar de vender depressinha este “peixe” antes que apodreça. Levei mais de uma semana para voltar a este assunto, vocês me perdoem, mas surgiram outros, ditos inadiáveis – escritores chegando, sem falar em Sartre e Simone que, se bem andaram, longe vão.

Mas como ia dizendo há uns dez dia atrás Carolina de Jesus é uma espécie de Cinderela balzaquena, oriunda não das cinzas de um borralho, porém da mais infecta favela dos arredores de São Paulo, e que um dia cismou de escrever, em cadernos que catava no lixo, a história de sua vida miserável. Se bem pensou, melhor o fez. E foi assim gravando naqueles papéis achados no monturo, a dureza de seu triste cotidiano, a fome de seus três filhos, enfim suas amargas vivências naquele “quarto de despejo”.

Um dia houve naquele morro uma dessas festa de caridade encomendada, creio que pelo Natal, não sei bem. Repórteres, fotógrafos, ilustres e açodados representantes da entidade beneficente promotora da festa, tudo invadiu a favela em seu estardalhaço filantrópico. Doces, bombons, brinquedos em profusão foram oferecidos à criançada do bairro. Mas ainda bem não começara a distribuição, originou-se um conflito. Os adultos, que jamais haviam tido infância, ao verem tal abundância de presentes, subitamente viraram meninos, precipitando-se sobre os velocípedes, automóveis, patinetes,

¹ **CELINA**, Lindanor. **No barraco de Carolina (conclusão)** in Coluna Minarete: Jornal A Folha do Norte, 20 de outubro de 1960, Belém-Pará.
Acervo de pesquisa de Márcia Daniele Lobato.

disputando-os encarniçadamente aos pequeninos. Carolina, mulher de certa personalidade e que tivera sempre voz ativa naquelas bandas, logo reagiu protestando energicamente: “Tamanhos garrotes, avançando nas coisas das crianças! Então não se acanham? Vergonha. Mas deixem estar, vocês me pagam, ponho-os todos no meu livro, vocês não me escapam!” E tanto os ameaçou de pô-los no “seu livro” que o repórter, curioso, indagou-lhe que livro era aquele. Ela aí caiu em si, desconversou, já enfiada. Mas o repórter, bicho de faro danado, peitou-a com gentil e capcioso interrogatório, e ela acabou por mostrar-lhe os famosos cadernos. O homenzinho ficou de queixo caído. E como bom jornalista, tratou de se apossar daquela fabulosa história, dando-lhe, num furo sensacional, a mais espetacular publicidade. O resultado aí está. Carolina virou vedete, seus amigos não mais lhe põem a vista em cima, é um caro custo dar com ela em casa. Vive nas emissoras de televisão, nos jornais dando entrevistas, nas livrarias escrevinhando autógrafos. Numa palavra, exploradíssima, feito cachorro sabido que o domador exhibe em determinados e disputados momentos para um público ávido de novidades. Num desses dias alguém foi procura-la de manhãzinha, ela já ia saindo à toda, o carro dos “empresários” à porta, buzinando, imperioso e apressado. Era pessoa íntima a quem ela muito estimava. Carolina desculpou-se às carreiras, agora não podia, já estava atrasada. O amigo protestou: “Mas amanhã, de manhã, Carolina, não pode?” – “Não, meu nego, amanhã de manhã tenho isto e mais aquilo” – “E de tarde?” E ela: “De tarde deixe ver, não, de tarde também não. Tenho uma conferência”...

Padre Comaru, seu amigo, confidente e conselheiro, e em cuja paróquia ela vai morar, começa a ficar apreensivo, a temer por Carolina. Eu também. Porque se as coisas continuam nesse pé (e tudo indica que sim), Carolina está perdida. Porque perdera fatalmente aquilo que foi a causa e razão de todo o formidável e inesperado sucesso de sua obra: uma ingenuidade, sua tocante e encantadora simplicidade. Prevendo tudo isso, me dá uma raiva, uma vontade de dizer aos que, pensando que fazem grande coisa, estão-na transformando na mais grotesca das vedetes: “Parem com isso, tenham consciência, então não veem que botam de uma vez a perder Carolina de Jesus?”